

### A<sup>3</sup>P AMPLIA SUAS INSTALAÇÕES

Nossa Associação viveu momentos de festa em 3 de dezembro último, ao inaugurar a obra de recuperação de suas duas salas da Sede Social, numa das quais funcionará a biblioteca, constituindo-se num ponto alto da gestão do Prof. Hugo Cardoso da Silva.

A festa se ampliou pela visita do Reitor Adolpho Polillo — a primeira presença oficial de um Reitor da UFRJ na A<sup>3</sup>P — que aceitou ser o patrono da inauguração e recebeu ainda a homenagem da A<sup>3</sup>P e de seus colegas da turma de 1952 da Escola Nacional de Engenharia.

Numeroso público lotou a Sede Social. Eram associados, professores e antigos alunos da gloriosa Escola, convidados, dirigentes do mais alto escalão da Universidade e da Associação. O ambiente,

descontraído e fraternal, de um autêntico encontro entre amigos, lembrava a cordialidade que imperava no velho Casarão do Largo de S. Francisco em seus bons tempos de Escola de Engenharia. Era a volta àquelas salas do verdadeiro espírito politécnico e universitário que impregnou suas espessas paredes por mais de 160 anos.

Presente no vetusto prédio o Reitor Adolpho Polillo, acompanhado de sua equipe de sub-Reitores e Decanos, foi recebido por vários Diretores da A<sup>3</sup>P — Hugo Cardoso da Silva, Presidente, Leizer Lerner e Luiz Carlos de Almeida — e logo festivamente cercado pelos demais Diretores, associados e colegas de sua turma, que lhe traziam as boas-vindas à "Alma Mater".

Dirigiram-se os presentes às salas recuperadas, e em breve oração o Presidente Hugo Cardoso da Silva referiu do significado da solenidade, oferecendo ao Reitor um exemplar do livro elaborado em conjunto pela A<sup>3</sup>P e o Clube de Engenharia "Escola Politécnica



O Reitor da UFRJ, Prof. Adolpho Polillo, recebe do Presidente da A<sup>3</sup>P, Prof. Hugo Cardoso da Silva, o livro sobre o prédio da Politécnica no Largo de S. Francisco, sob as vistas de sua colega da turma de 1952 e Diretora Social da A<sup>3</sup>P, Eng. Mariza Vianna Ballariny, e do autor do livro, Prof. Mário Barata.

do Largo de São Francisco — Berço da Engenharia Brasileira”, de autoria do historiador e Sócio Honorário Prof. Mário Barata, também presente ao ato.

A seguir, saudou oficialmente em nome da A<sup>3</sup>P o ilustre visitante o Prof. Nestor de Oliveira Júnior, Conselheiro da A<sup>3</sup>P e Professor Emérito da UFRJ.

O Reitor ouviu ainda, visivelmente emocionado, as palavras de saudação de sua colega da turma de 1952, Enga. Mariza Vianna Ballariny, Diretora Social da A<sup>3</sup>P, que lhe transmitiu o carinho e a alegria da sua turma de graduação pela elevada investidura à frente da maior Universidade Federal — a UFRJ.

O agradecimento do Reitor foi pontilhado de ternura por sua Casa, destacando o quanto espera a Universidade de seus ex-alunos e associações como a A<sup>3</sup>P. Marcou o Prof. Adolpho Polillo sua determinação em preservar o patrimônio que representa para a História de nosso país e para a Engenharia, o velho Casarão do Largo de S. Francisco. a oração do Reitor foi recebida com satisfação pelos presentes e coroada de palmas, encerrando a primeira fase da reunião.

Seguiu-se alegre coquetel de confraternização, e a Sede Social da A<sup>3</sup>P regorgitou de autoridades universitárias, professores da Escola de Engenharia e outras unidades da UFRJ, dirigentes da A<sup>3</sup>P e das entidades da classe, engenheiros da turma de 1952 e antigos alunos de outras turmas, e muitos convidados.

Muito festejado por sua investidura no mais alto cargo da UFRJ, o Eng.º Adolpho Polillo foi cercado por seus colegas da turma de 1952, dentre os quais dois são diretores da A<sup>3</sup>P — Marilza Vianna Ballariny e José Mariotte de Lima Rebello.

Ao se afastarem os últimos convidados e ao se apagarem as últi-



*O orador oficial da A<sup>3</sup>P, Conselheiro Nestor de Oliveira Júnior, saúda o Reitor Adolpho Polillo em nome da entidade e de seus colegas da ex-Escola Nacional de Engenharia.*



*Numa vista durante o coquetel, notamos o Presidente Hugo Cardoso da Silva de costas, e da esquerda p/a direita, o Prof. Wilson Ribeiro Gonçalves (Presidente da FEBRAE — Federação Brasileira de Associações de Engenheiros), o Prof. Waldon Salengue, o Prof. Carlos Alberto Nunes Cosenza (Decano do Centro de Tecnologia da UFRJ), o Prof. Leizer Lerner (Presidente de Honra da A<sup>3</sup>P), e à direita do Presidente Hugo Cardoso, encobertos parcialmente, o Prof. Durval Lobo e o Prof. Octavio Cantanhede (Diretor do Clube de Engenharia e representantes do Presidente do Clube, Prof. Plínio Castanhede).*



*O Reitor Adolpho Polillo cercado por seus colegas da turma de 1952 da velha Escola Nacional de Engenharia.*

mas luzes da A<sup>3</sup>P, estava a velha Escola completando 171 anos da assinatura do ato de sua criação, em 4 de dezembro de 1810, pelo

Príncipe Regente D. João VI. E a quase cinquentenária A<sup>3</sup>P acabara de viver um de seus momentos de glória.

### Ao Reitor Adolpho Polillo, o Sentimento da Turma de 1952

Magnífico Reitor,

Magnífico o título que lhe conferiram.

Para nós da Turma de 1952 é Magnífico que tenha sido você o agraciado.

Magnífico pela distinção social e pela dignidade que empresta a quem ocupa; Magnífico porque a Universidade tem agora no seu m elevado cargo um professor ilustre, empenhado no magistério desde o tempo de jovem; Magnífico por se dar um fenômeno recíproco, pois agora tanto se enobrece a Universidade em tê-lo como Reitor quanto, em proporção, o cargo de Reitor enobrece a figura do professor escolhido; Magnífico porque, egoisticamente nos alegrou tenha sido acertadamente você o escolhido, pelos seus dotes de alma, de inteligência, de dedicação ao magistério, merecedor, para nós indiscutivelmente o mais merecedor.

Essa alegria, é sentimento de todos nós, colegas da turma de 1952, reconhecendo os seus dotes e merecimentos. Porque estamos no fundo da alma, desejando desçam sobre você as inspirações divinas para ensinarem a grande administração que pode e vai desempenhar no seu reitorado.

Que seja operoso e dedicado, isso é desejar o óbvio. Nossos votos são para que seja inspirado para ser objetivo nas suas medidas e decisões, e que seja feliz como administrador para ser oportuno e ponderado ao tomá-las.

E que essas palavras, traduzindo o sentimento dos colegas de 1952, possam servir de estímulo para suportar os momentos difíceis e amargos a que estão sujeitos todos os que desempenham esses cargos elevados.

Boa sorte Magnífico Reitor, boa sorte e que a história o consagre o mais Magnífico dos Reitores da UFRJ.

Mariotte Rebello, pelos colegas de 1952.

### SAUDAÇÃO FEITA PELO PROFESSOR NESTOR DE OLIVEIRA, NA TARDE DE 3 DE DEZEMBRO DE 1981, NA SEDE DA A<sup>3</sup>P

Magnífico Reitor  
Professor Engenheiro Adolpho Polillo

A saudação que temos a honra de dirigir-vos, Magnífico Reitor, é-n particularmente cara e transbordante na sensibilidade do orgulho e da satisfação.

Realmente, discursamos em uma Casa de Engenheiros, para Engenheiros e pelos Engenheiros.

Falamos sob os telhados tutelares desta vetusta e mais que centenária Casa, familiar a todos nós e também ao Mag. Reitor que aqui fez o seu Curso, como, talvez, a maioria dos que aqui têm o prazer de estar presentes, nesta tocante e sentimental homenagem.

Quando éreis meu aluno já guardáveis o mesmo acolhimento risonho e carinhoso, não despido, porém, de certa circunspeção e seriedade, que constituem um dos traços característicos de vosso caráter.

A seriedade no trabalho árduo e aprofundado está no âmago da vossa ação, que imprimís em todos os vossos atos e tarefas, que vos são confiados e de que destes, recentemente, uma suprema prova quando, como Relator da Grande Comissão para promover a Reestruturação do Pessoal Docente desta Universidade, fizestes em prazo tão curto, porém parecer tão acurado e meticulosamente resolvido, que a Administração Federal, em Brasília, o tomou como norma para as restantes Universidades Federais.

Deveis a vossa ascensão a Reitor à esta seriedade de vosso trabalho.

Será, certamente, esta faceta do vosso caráter uma influência da formação profissional do engenheiro, ligado ao raciocínio matemático, dedutivo e meticoloso.

Sucessivamente ascendentes a Diretor da Faculdade de Arquitetura em profícua administração, Presidente da Copert, Decano, membro de todos os altos Conselhos da nossa Universidade: CEG, CEPG, Conselho Universitário para, finalmente agora, em pleito que nos enche de orgulho e satisfação, chegar ao mais alto patamar, com o cargo de Reitor. E sois o primeiro Reitor-Engenheiro, o que para nós, vossos colegas de tantos anos, representa algo que, sentimentalmente, não é expressável em forma discursiva.

(continua na pág. 4)



## A Fala do Trono

A atual diretoria da A<sup>3</sup>P está terminando o mandato com que a honrou o corpo social e uma nova deverá ser eleita, em março próximo. Os homens passam, as instituições permanecem.

Alguns dos nossos associados, os menos jovens, já encerraram as suas atividades e gozam de merecido "otium cum dignitate", tendo mais tempo livre do que os da maioria, em geral muito ocupados com os seus compromissos profissionais e sociais. É porém necessário que todos façamos um esforço para comparecer. Devemos esse compromisso à nossa Escola, nossa Alma Mater, porque a Associação, que é parte dela, só vive para servi-la. É inconcebível que só aqueles poucos que têm mais tempo, votem. É imprescindível que a nossa diretoria seja realmente representativa de todo o seu corpo social e expresse o desejo da maioria significativa. Num ano de eleição em todo o país, em que se fala tanto em democracia, devemos começar praticando-a em casa, não abrindo mão do nosso direito de votar. O voto é injeção revivadora em organismo social.

Na última eleição mais de cem associados votaram, demonstração inequívoca do interesse, eu diria mesmo do amor, que têm pela Associação. Grande demonstração da vitalidade desta e sua importância no cenário profissional dos engenheiros. Por que fazer por menos nesta nova oportunidade?

(continuação da pág. 3)

Magnífico Reitor: a Associação dos Antigos Alunos da Politécnica, em nome da qual, nesta hora vos saudamos, está intimamente ligada à vossa querida Escola de Engenharia, por que com ela cresceu e com ela prosperou; e está também visceralmente jungida à ilharga desta Casa Centenária, que D. João VI, o Rei do Brasil, inaugurou. Nós, os engenheiros aqui presentes, solenemente vo-lo prometemos, Mag. Reitor, Engenheiro Adolpho Polillo, envidar todos os nossos esforços no sentido de jamais separar esta Associação desta vetusta Casa, como uma forma de cultuarmos o nosso passado e para

Acreditamos que a permanência de alguns membros de uma diretoria que sai, seja muito benéfica para dar uma certa continuidade administrativa, prestar informações sobre fatos passados, decisões anteriores, precedentes havidos, etc. Acreditamos porém que uma renovação no organismo dirigente seja imprescindível. Não pode e não deve sobreviver um organismo que não se renova periodicamente. Parece que por tendência natural, nós brasileiros somos muito autocráticos; talvez por isso observamos em nossas instituições, uma inclinação para a presidência se hipertrofiar se sobrepor em detrimento dos seus diversos colegiados. Um Presidente frequentemente imprime, na sua gestão, estilo pessoal, valorizando ou desmerecendo alguns setores ou atividades, de acordo, quiçá, com simples preferências pessoais desvirtuando objetivos propostos para o organismo. Esse cargo precisa, pois, ser substituído, ou renovada a diretoria sempre que possível. No caso presente da nossa Associação, isso é possível e será feito: não haverá reeleição do Presidente.

Será que todos os nossos associados tomaram conhecimento do que aconteceu nestes últimos três anos com a nossa Associação? A atual administração foi boa, ou má? Houve melhoria nas nossas sedes? Modificação, para melhor ou para pior na arquitetura interior e na decoração? Como vai o nosso patrimônio?

Como está a nossa situação econômica e financeira? Será que cumpriu seu objetivo principal — o de apoio e ajuda à Universidade e aos engenheiros? Que poderá pretender ou fazer a nova Diretoria? Todas as informações que respondem a essas perguntas e a muitas outras, estarão no Relatório da Diretoria atual, que será apresentado na mesma Assembléia Geral em que se vai fazer a eleição da nova Diretoria, que tomará posse ainda na mesma ocasião e terá a oportunidade de expor seus planos. O comparecimento a essa Assembléia Geral para votar, é também uma ótima oportunidade para que todos os associados renovem os seus contactos com a Associação e se ponham a par da sua vida, do seu trabalho e até da sua nova feição e decoração. É uma oportunidade de encontrar amigos diletos, escondidos nos desvãos dos anos passados sem revê-los.

Esta fala é um forte apelo à ação: compareçamos todos à próxima Assembléia Geral da nossa querida A<sup>3</sup>P.

**Hugo Cardoso da Silva**  
Presidente da A<sup>3</sup>P

honra e glória da Engenharia Brasileira, propulsora do progresso e desenvolvimento do Brasil, potência emergente que já reponta.

Deus guarde V. Magnificência, Senhor Reitor, augurando-vos, também todos nós aqui presentes, um profícuo Reitorado.

NOTA — Por necessidade de reduzir espaço neste Boletim, tive de condensar a matéria procurando não ferir o sentido.

Mariotte

## NA ERA DOS CATEDRÁTICOS

### Discurso do Prof. Jorge Ribeiro Leuzinger, em 1952, na Cerimônia de Posse de Diretor da Escola Nacional de Engenharia

NOTA — Pelo espaço reduzido que nos proporciona este Boletim, resumi ao máximo, até um limite perdoável, a matéria a seguir, com ligeiras modificações do original para não comprometer a idéia do orador.

MARIOTTE

Quero agradecer o comparecimento dos presentes, o que permitiu completar o caráter de solenidade que não pode deixar de ter o ato de posse de novo Diretor.

O brilho e essa essencial solenidade já estão, nessa altura, amplamente garantidos pelos discursos que já foram pronunciados e pela presença destas pessoas.

Não havendo tempo para que muitas palavras de um discurso clássico e formal sejam explicitamente pronunciadas, desejo que o Sr. Secretário anote, para que conste em ata, o pensamento e a idéia nesse sentido.

Na realidade tenho um programa de administração, mas não tem ele nada de espetacular nem mesmo de novidade e se resume muito simplesmente em duas palavras — vamos trabalhar.

Mas essas duas palavras constituem, na minha opinião, o melhor programa que poderia apresentar. Nessas duas palavras o novo Diretor faz a sua profissão de fé. Nessas duas palavras quero dizer que tudo farei para igualar-me — se puder — ou pelo menos para me aproximar do modelo de administração que tive a honra de receber do meu antecessor, o Diretor FRANCISCO DE SÁ LESSA.

No momento não há tempo disponível para fazer referências aos ilustres Diretores que honraram esta Casa. Peço pois licença para personificar no nome do Diretor LESSA todos os nomes ilustres dos ex-diretores.

O Diretor LESSA, cumpridos os três anos do seu mandato desejou, em dezembro último, afastar-se desse espinhoso cargo a fim de gozar o seu merecido descanso, e dessa situação deu conhecimento à Congregação da Escola.

Procedeu-se à eleição e os seus colegas, num largo e nobilitante gesto de gratidão e confiança, sufragaram por unanimidade o seu nome para um novo mandato de três anos.

O professor SÁ LESSA julgou do seu dever aquiescer à tão honrosa imposição que lhe foi feita nesse pronunciamento incomum nas tradições desta Escola, e resolveu permanecer alguns meses à frente da Diretoria a fim de ultimar algumas realizações de sua iniciativa, julgadas de grande importância para o ensino e, no momento oportuno, apresentou ao Magnífico Reitor a sua renúncia em caráter irrevogável.

Quando a Congregação tomou conhecimento de sua decisão houve quem pedisse a palavra, e não importa citar nominalmente, porque aquelas palavras cingiam unanimemente com o pensamento de cada um de nós, exprimiui o seu pesar em o Prof. Sá Lessa nos deixar privados, não da sua colaboração que continua exercendo a sua benéfica influência, mas de sua direção meramente estatutária.

A nova Diretoria, acompanhando o pensamento da Congregação, prosseguirá no programa traçado sem interrupção e sem alteração personificando assim, mais uma vez, a unanimidade dentro desta Escola.

Esse programa necessariamente será expandido e com presteza ampliado, porque com presteza está se processando o progresso do Brasil.

Em todos os setores da atividade humana — e o ensino é uma delas — observa-se nitidamente uma grave crise de crescimento.

Há muita procura de tudo, e a oferta não acompanha as solicitações do progresso. O fato tornou-se tão generalizado que deixou de chamar a atenção.

Assim por exemplo, no País inteiro há crise de produção de energia elétrica. Ninguém repararia se a luz neste momento se apagasse.

Os atropelos da lei da oferta e da procura se sucedem em todos os setores. Começou o assalto às matrículas nas escolas insuficientes.

Esse fenômeno é geral, as causas são muitas, todas elas resumidas vagamente na expressão: crise de crescimento.

Hoje em dia a tarefa de um cargo de direção é muito difícil e tende a se agravar. Hoje, há quem recuse cargos de direção. É tão difícil que às vezes torna-se impossível trabalhar. Aqui nesta Escola ainda não é este o caso. Vamos trabalhar porque podemos trabalhar.

Estou perfeitamente consciente desta situação e quando aceitei a muito honrosa indicação para este cargo tinha, como tenho, a certeza de que não seria derrotado.

Não seria derrotado porque estou amplamente amparado pelo espírito de cooperação e por uma incrível unanimidade que existe nesta Escola, como prova o episódio que passo a relatar.

Embora tenha se passado na vida real, cercou-se de uma auréola de pura fantasia, de pura ficção, como se fosse um conto de carochinha ou um relato de Alice no País das Maravilhas.

Temia-se que a serenidade de um concurso para professor catedrático fosse perturbada por algum temporal ou que uma trovoadas quebrassem o silêncio necessário para o bom desempenho de seus trabalhos.

Estavam inscritos nesse concurso dois docentes livres. Um ocupava a cadeira como catedrático interino. Além das excelentes aulas que ministrava, contava com a simpatia dos alunos que abertamente demonstravam a sua preferência, organizando a respectiva torcida a seu favor.

Somente na apuração final é que se verificou que não tinha havido empate e uma muito pequena diferença favorecia o candidato oposto à torcida dos alunos.

Quando o presidente da comissão examinadora, indicou o nome do primeiro colocado, o segundo colocado pediu a palavra e declarou querer ser o primeiro a cumprimentar o candidato vitorioso, o que fez debaixo de uma trovoadas de aplausos de toda a assistência.

Declarou mais: que reconhecia a impecável correção e justiça com que se tinha processado o concurso e pedia licença ao presidente da comissão para apertar a mão de cada examinador, um por um, o que fez debaixo da mais estrondosa tempestade de aplausos de que há memória, inclusive e principalmente dos seus próprios alunos que assim davam, de público, um sublime exemplo de sua elevadíssima compreensão, do seu espírito ordeiro e unânime cooperação.

Um incidente desta natureza é de tão transcendental consequência que resolvi lançá-lo aos quatro ventos incluindo-o no discurso de posse como novo Diretor da Escola Nacional de Engenharia, aproveitando a via de publicidade consequente.

Na história que acabei de contar, a Escola referida foi esta Escola Nacional de Engenharia, a cadeira que estava em concurso era a cadeira de Hidráulica e o fato se passou em setembro do ano passado.

Os dois candidatos que tão alto souberam elevar os seus nomes, e com eles o próprio padrão da vida universitária em geral e o da Escola Nacional de Engenharia em particular, são os professores JORGE OSCAR DE MELLO FLORES e THEOPHILO BENEDITO OTTONI NETO.

Palmas para eles.

Os alunos, que tão alto demonstraram o seu espírito de compreensão e de colaboração e que tão cristalinamente conquistaram a menção honrosa que, com satisfação torna pública e solene, foram os alunos do 4.º ano, hoje no 5.º ano desta Escola, a turma que se formará neste ano de 1952.

Palmas para eles.

Senhor Magnífico Reitor, meus colegas, alunos, governar uma escola assim, situada em semelhante País universitário não deve ser difícil, não pode ser difícil.

Ao tomar posse do cargo de Diretor desta Escola a minha profissão de fé está implícita no destaque que resolvi dar ao incidente ocorrido. O meu programa se resume em trabalhar para, simbolicamente, construir nesta Escola um museu de episódios do mesmo estilo.

Vamos ao trabalho.

## A ENGENHARIA BRILHA NA UNIVERSIDADE

Nossa tradicional Escola de Engenharia — bastante esquecida nos últimos anos no contexto da Universidade — vem recentemente tomando uma posição especial neste particular setor.

Sinais animadores desta lenta retomada de sua devida posição no cenário da UFRJ podem ser detectados. Inicialmente, a nomeação do Prof. Adolpho Polillo, ex-aluno da antiga Escola Nacional de Engenharia e professor da mesma, para Reitor da Universidade. Nos 60 anos de existência legal da Universidade, é o primeiro Reitor originário da velha Escola Politécnica.

Também a escolha de um antigo aluno e professor da Escola, atual Presidente da A<sup>3</sup>P, o Prof. Hugo Cardoso d. Silva, para Diretor da Escola de Engenharia, é um ato que prestigia a Casa e sua mais que sequecentenária tradição. É, sem dúvida, motivo de particular contentamento para a família atrespiana.

Agora, vem de ser convidado para proferir a lição de sapiência na abertura dos Cursos da Universidade em 1982 o Prof. Plínio Catanhede, atual Presidente do Clube de Engenharia. Também antigo aluno professor da nossa Politécnica, o Prof. Plínio Catanhede é membro representativo de uma Empresa com numerosos engenheiros oriundos da Politécnica, escola que deu vários Diretores à "Alma Mater".

Para a conferência do Prof. Plínio Catanhede, que versará o tema "A Universidade e a Tecnologia", são convidados os companheiros da A<sup>3</sup>P. A solenidade se dará às 11h de 1.º de março próximo, segunda-feira, no auditório do prédio da Reitoria, na Cidade Universitária.

Como vemos, é uma lenta retomada de posição da Velha Casa na constelação universitária, através de seus antigos alunos. Muito mais poderá ela ainda contribuir para o progresso da UFRJ, mercê de prestigiosos e atuantes nomes que possui em seus quadros docentes e de ex-alunos. E nossa A<sup>3</sup>P está atenta para aplaudir esta merecida ascensão e colaborar, na medida de suas possibilidades, para sua consecução e maior brilho.

## ENGENHARIA CONDENA MODELO ECONÔMICO

Ramona Ordoñez

NOTA — Por ser muito grande a matéria original, fiz muitos cortes e modificações no artigo do Jornal do Commercio de 1.º/Fev./81. Apesar de publicado há um ano, o trabalho de R. Ordoñez é tão bom que merece ser conhecido na sua íntegra, agora aqui apenas reproduzido em parte.

MARIOTTE

O número de engenheiros desempregados ou em subempregos vem crescendo de forma alarmante nos últimos anos. Essa crise, que já existia de forma latente, tornou-se mais evidente no final de 1979.

O problema não resulta apenas da crise econômica do Brasil, que se estende a todas as áreas, como as administrativas e de gerência. A classe dos engenheiros realizou vários estudos, em caráter de urgência, sobre as causas e chegou a conclusões alarmantes:

Uma é o componente conjuntural, que é o desaquecimento da economia, com medidas recessivas adotadas como forma de conter a inflação; Outra, mais séria, é estrutural, ou seja, o próprio modelo de desenvolvimento econômico do País.

Estudos realizados pelo Clube de Engenharia e pelo Sindicato dos Engenheiros do Rio revelam que o modelo econômico ocasiona uma total dependência tecnológica do exterior, devido a ser "extremamente" liberal com o capital estrangeiro.

A política industrial com empreendimentos gigantes faz com que essa dependência cresça; um exemplo é o Programa Nuclear Brasileiro. A atuação livre das empresas estrangeiras e o fato de não realizarem pesquisas no Brasil, faz com que sejamos cada vez mais dependentes tecnologicamente do exterior.

O estudo relaciona uma série de medidas que devem ser tomadas: revisão do regime jurídico do capital estrangeiro, das leis das sociedades anônimas, do Imposto de Renda, dos impostos de Importação e Exportação, etc.

Essas mudanças, que implicariam numa alteração total do modelo econômico nacional, permitiriam a independência tecnológica do País, a melhoria nas condições de vida da população em suas necessidades como habitação, saúde e saneamento e, conseqüentemente, maior oferta de empregos não só à classe dos engenheiros como a todas as demais categorias produtivas.

Na década de 70 o País optou e obteve altas taxas anuais de crescimento de seu produto real, que se situou acima de 8,5%. As indústrias, junto com os transportes e comunicações, cresceram em torno de 9,6% ao ano; no período de 1975/79, o crescimento do setor industrial, principal empregador de engenheiros, chegou a 7,4% ao ano.

No entanto, segundo o estudo do Clube de Engenharia intitulado "Aspectos do Desemprego dos Engenheiros", apesar desse forte crescimento, o mercado estranhamente não absorveu toda a oferta de engenheiros existentes. O Sindicato dos Engenheiros, também no estudo elaborado pela Comissão de Mercado de Trabalho, observa que "chega-se à conclusão para muitos surpreendentes: à intensidade da industrialização ocorrida na década de 70 não correspondeu um aumento da absorção de profissionais pela indústria".

Em 78, o Brasil, para cada dez mil habitantes, tinha apenas 11 engenheiros; "esse índice deveria ser bem maior, já que é um país em desenvolvimento."

Essa patente escassez de quadros de engenheiros, face ao desenvolvimento obtido na década passada, é questionada: "Como pudemos, na última década, fazer tanto com tão pouco número de engenheiros?"

"A engenharia tem a função social no desenvolvimento do País, de gerar o bem-estar. Se temos então um pequeno número de engenheiros, como mostram esses dados, na verdade não estamos gerando os serviços de engenharia necessários para garantir integralmente o bem-estar".

Tal situação significa que esses serviços ou são importados ou simplesmente não são realizados, embora vitais, como o saneamento, transporte e agricultura.

### DEPENDÊNCIA

No sentido de promover o desenvolvimento econômico a curto prazo, conforme o verificado na década de 70, abriram-se ao máximo o mercado e suas potencialidades ao capital internacional. O bem-estar social passa, conforme o estudo, a ser secundário, bem como as políticas que garantam a utilização das capacidades locais, inclusive de mão-de-obra qualificada. A compressão salarial em todos os níveis, é justificada pela necessidade de remunerar as altas somas de capitais investidos.

"A política industrial praticada na década de 70 ajustou-se à política de desenvolvimento acelerado do País, baseada em empreendimentos de dimensões gigantes, cujos produtos visam satisfazer, inclusive, a demanda externa;

utilização e importação de tecnologia de ponta, disponível ou não no País; dependência ao extremo de poupanças externas, via empréstimos ou capital de risco".

O Governo, é o principal empregador de engenheiros. Questiona-se a partir daí o modelo de desenvolvimento econômico adotado pelo País, totalmente dependente da tecnologia do exterior.

Tecnologia não é mercadoria que se compra, é aprendido.

"A dependência tecnológica acaba por condicionar as decisões governamentais."

Está aí o cerne da questão: o Brasil, por ser dependente em tecnologia, sua dívida externa cresce, e esse crescimento torna o País ainda mais vulnerável, às pressões dos grandes grupos. Um círculo vicioso que só poderá ser quebrado com a mudança radical da atual política econômica.

Além dos efeitos macroeconômicos, essa dependência traz reflexos no plano social, que é o desemprego.

O desenvolvimento, as avaliações de alternativas e as tomadas de decisões técnicas e gerenciais são feitas por técnicos e gerentes de fora do País, fato que permite manter e desenvolver qualificações técnicas, entre outros, de engenheiros, tecnólogos e cientistas, em trabalhos intensos no exterior, em detrimento dessas atividades no País, com técnicos nacionais.

O ex-secretário de Tecnologia Industrial, Baptista Vidal, menciona inclusive uma cifra superior a US\$ 1 bilhão, gasta anualmente com importação de tecnologia implícita e explícita.

### DOMÍNIO

Há domínio das empresas multinacionais de forma absoluta nos setores de produtos de bens de consumo durável, como a indústria automobilística e a eletroeletrônica. Dos bens de consumo não-duráveis — o fumo, a perfumaria, a indústria alimentar, bebidas, têxtil, vestuário e calçados — nos primeiros o domínio é total; nos demais, a liderança é dividida entre grupos nacionais.

A pesquisa e o desenvolvimento tecnológico que estão sendo realizados no País são irrisórios: o volume de investimentos gasto em instituições de pesquisas no Brasil é de 0,8% do PNB, enquanto que nos países desenvolvidos é de 2%. Mostra como se está medíocre.

O estudo do Clube observa que as empresas multinacionais são altamente inibidoras das atividades de engenharia, pois não realizam no Brasil, pesquisas de engenharia básica, de detalhes, de especificação de equipamentos, nem a utilização de matérias-primas e suas especificações.

### A DEPENDÊNCIA DO EXTERIOR

Como recomendação final as Comissões dos estudos sugerem que sejam feitos por todos os órgãos da classe, amplos estudos para conhecimento das atividades das empresas estrangeiras, estatais e privadas, e fazem as seguintes sugestões:

- a) recisão do regime jurídico do capital estrangeiro;
- b) revisão das leis das sociedades anônimas, do imposto de Renda, dos Impostos de Importação e Exportação;
- c) melhor definição do que se considera empresa nacional;
- d) criação de órgão supervisor dos investimentos e reinvestimentos externos;
- e) redirecionamento das políticas de investimentos das empresas estrangeiras visando:
  - 1) garantir compras do setor público nas empresas genuinamente brasileiras e que utilizam tecnologia nacional;
  - 2) criar mecanismos financeiros e de apoio para estas empresas;
  - 3) na formulação de seus programas de investimentos, prever recursos suficientes para a implantação de seus projetos, para a capacitação de fornecedores, de bens e serviços, para o desenvolvimento interno da tecnologia necessária;
  - 4) compatibilizar os programas e projetos, em termos de dimensões e prazos, às reais possibilidades de provimento, pelo mercado interno, de recursos financeiros, de produção de bens, de prestação de serviços ou de disponibilidade de tecnologia;
  - 5) enobrecer as atividades de pesquisa e desenvolvimento;
- f) conhecimento da evolução do mercado de trabalho dos engenheiros;
- g) avaliações dos cursos de graduação e pós-graduação em engenharia;
- h) política industrial diferenciada;
- i) e, finalmente, cadastro industrial.

### A LUTA CONTINUA

O grupo de trabalho que elaborou o estudo do Clube de Engenharia foi composto de Jorge Bittar, de Eduardo Uchoa, Ubirajara Cabral, Alexandre Henriques Leal e Adelino Simões de Faria.

Os engenheiros do País, ao analisarem quais as causas principais dos fortes índices de desemprego, descobriram que não só essa classe como todos os segmentos da sociedade estão prejudicados pela política econômica nacional (externamente voltada a projetos que implicam na importação de tecnologia) e por um modelo econômico extremamente liberal com o capital estrangeiro.

Assim, como bem colocaram os engenheiros, o Brasil fica cada vez mais dependente do exterior, não só financeiramente, como tecnologicamente. É um País sem tecnologia financeira e se posiciona como um País em desenvol-

vimento. Ficou evidente que esse método adotado para obter um rápido desenvolvimento não traz benefício algum. Pelo contrário, torna o País atrelado às correntes do subdesenvolvimento.

A superação da crise econômica nacional implica uma remodelação profunda do modelo econômico, e não apenas tomando medidas casuísticas como no plano monetário.

## HISTÓRIA DA ENGENHARIA NO BRASIL

*Pedro C. da Silva Telles*

Sempre fui um apaixonado pela minha profissão, a engenharia, e pela História do Brasil. Depois de 35 anos dedicados diretamente à engenharia pretendo agora unir essas duas paixões e realizar um antigo sonho, que será um livro sobre a História da Engenharia no Brasil.

Esse trabalho deverá abranger o aparecimento, desenvolvimento e evolução da engenharia entre nós, em todos os seus aspectos principais: ensino da engenharia e assuntos correlatos, construção civil e militar, estradas de terra e pavimentadas, ferrovias, portos, serviços públicos, construção naval, indústria, eletricidade, exploração de recursos minerais, etc. De início pretendo abranger somente o período desde os tempos coloniais até 1930, aproximadamente; resolvi não prolongar até os dias de hoje inclusive porque a diversidade e a complexidade da engenharia são tão grandes, que tornam impossível, a uma só pessoa, avaliar e interpretar corretamente a evolução fatos.

Procurando em livros e revistas (ainda não iniciei a pesquisa em arquivos e jornais), já tive ocasião de descobrir alguns fatos bem interessantes e curiosos.

— É o caso, por exemplo, do Eng.<sup>o</sup> Gregório Gomes Henriques, que aqui chegou em 1694, um dos muitos engenheiros militares portugueses que atuaram no Brasil no tempo colonial. Interessante é a Carta-Régia que noticiava o envio desse engenheiro, e que dizia: "vai muito bem engenheiro . . . e que também nos fará falta, mas para partes tão distantes vão sempre os engenheiros mais capazes, porque se errarem não tem quem os emende". Só temos que nos admirar hoje de tão sábio preceito! Quantos erros e prejuízos seriam ainda hoje evitados se para lugares remotos, sem recursos e sem ninguém que os emende, fossem enviados os mais capazes, e não somente jovens inexperientes!

— Quem poderia supor ter sido talvez o Brasil o segundo país do mundo, depois da França, a ter uma escola conferindo formalmente diplomas de engenheiro? A "Academia Real Militar", antecessora dessa nossa querida "Polytechnica", foi fundada, como todo mundo sabe, em 1810. Nos países de língua alemã a mais antiga escola de engenharia data de 1817, em Viena. Quanto à Inglaterra, pois líder da "Revolução Industrial", há um curioso decreto do Governo brasileiro (n.<sup>o</sup> 8.159, de Julho/1881), dispensando os

É preciso: definir uma nova política industrial calcada na produção de bens essenciais à população; uma nova política agrícola que reformule a estrutura fundiária do País; que garanta o sistema de produção e escoamento dos produtos até os grandes centros urbanos; também uma política de investimentos maciça na área social, não só nas necessidades básicas da população e em seus problemas de habitação, mas saúde, saneamento, educação, etc.

engenheiros ingleses, a serviço do Governo, da apresentação de diploma, que era exigido a todos os demais engenheiros, pelo fato de não existir na Inglaterra nenhuma escola conferindo diplomas oficiais!

— Um dos fatos mais interessantes é a nomeação, em 1876, de uma comissão composta dos engenheiros mais notáveis na época (Pereira Passos, Rebouças, Paula Freitas, etc.) para elaborar uma "terminologia técnica de engenharia", coisa que não foi ainda realizada até hoje! O que é principalmente notável é o incrível pioneirismo, isto é, fazer-se um trabalho de normalização técnica em um tempo em que pouco se cuidava desse assunto mesmo nos centros mais avançados do mundo, e, ao que eu saiba, quando as conhecidas sociedades de normalização da Europa e dos EEUU ainda não existiam.

— Há também os fatos burlescos e divertidos, como o episódio provocado pelo inglês Samuel Boyliss, em Novembro de 1858, por ocasião da inauguração do 2.<sup>o</sup> trecho da E. F. D. Pedro II (Central do Brasil), até Belém (Japeri). Boyliss, capataz do empreiteiro inglês, a pretexto de que determinado pagamento não havia sido feito, o que aliás era falso, resolveu por conta própria impedir a inauguração. Para isso montou sobre a linha uma barricada de paus e trilhos, depois sentou-se nela arvorando quixotescamente a bandeira inglesa e declarou, com empáfia, que dali não sairia. Foi preciso chamar a polícia para desmontar a barreira e retirar o atrevido. Não há dúvida de que quem chamou a polícia teve coragem, porque isso se deu três anos antes da famosa "Questão Christie", na época em que os ingleses mandavam e desmandavam, fazendo o que queriam.

Tomo a liberdade de pedir a colaboração de todos que possam dar alguma contribuição. Quem tiver conhecimento de algum trabalho ou obra interessante ou pioneira, algum documento antigo relacionado com a engenharia (plantas, desenhos, fotografias, propostas, orçamentos, documentos escolares, etc.), ou de qualquer outro fato ou personalidade ligada à história da engenharia no Brasil, inclusive fatos curiosos, anedóticos ou pitorescos ficarei imensamente grato se esses dados forem trazidos ao meu conhecimento, porque poderão ser importantes. Da mesma forma agradeço qualquer informação de referência bibliográfica sobre esses assuntos.

É excusado dizer que qualquer material que seja aproveitado na publicação terá uma referência de agradecimento citando a fonte de origem.

Rua Bambina, 135 — Botafogo — RIO  
CEP 22251 — Tel.: 226-0726

## EXPORTAÇÃO DE ÁLCOOL

*Jaime Rotstein*

Felizmente o tema exportação maciça de álcool, do Brasil para os países potencialmente grandes consumidores, está em discussão. Não se pode alegar que a discussão esteja sendo travada com objetividade, enfocando os interesses brasileiros com racionalidade e lógica, sem o apelo a reações emocionais ou vinculadas a interesses políticos ou comerciais. (. . .)

Este articulista, faz bastante tempo, vem se ocupando do problema energético brasileiro. As conclusões a que chegou são simples: a solução da dependência ao petróleo importado é muito difícil; as dificuldades econômicas crescentes do País obrigam à adoção de medidas corajosas e, algumas delas, com um elevado conteúdo de imaginação, tentando explorar circunstâncias geopolíticas favoráveis para atenuar o quadro sombrio que está pintado. É diante desta realidade que nasceu a sugestão de tentar exportar álcool para misturar na gasolina dos países ricos — de preferência — aceitando algumas limitações: a maior delas é a impossibilidade de o País enfrentar o investimento necessário a um Programa de Álcool capaz de produzir, independentemente daquele para uso interno, algumas dezenas de bilhões de litros de álcool.

Mesmo que se pudesse alocar ao Programa do Álcool para exportação algo como 15 bilhões de dólares, ao longo de 5 anos — independente das dificuldades enfrentadas para alocar recursos ao Proálcool em execução — como adotar uma decisão dessas sem garantir mercado cativo no exterior? Ou os planos existentes suportariam ser ampliados 3 ou 4 vezes, com os investimentos sendo feitos principalmente para mover automóveis no Brasil? E seria justificável social, política e economicamente? E, ainda aí, estaria o País com um excesso de refinação em gasolina, a ser vendido num mercado internacional de derivados que não é inédito tornar-se pouco atrativo. (. . .)

Do exame dos interesses básicos do País — e daquilo que poderiam ser os interesses básicos dos Países que poderiam aceitar a participação no programa, nasceram algumas diretrizes:

1 — O Brasil tem condições de implementar o aproveitamento das áreas indispensáveis à exportação do álcool e se tal objetivo for alcançado — no volume desejável — a situação social e econômica do País fica aliviada de muito.

2 — Existem países ricos com os quais se poderia chegar a um entendimento, bastando considerar a substituição de frações de consumo de gasolina por álcool, com diversificação de suas fontes de fornecimento, e o resultado adicional de garantir seus investimentos em países que poderiam se desestabilizar, independente da perda da devolução de empréstimos vultosos no caso em que isso viesse a ocorrer.

3 — Considerando que se trata de um empreendimento altamente lucrativo, determinadas vantagens poderiam ser pleiteadas, eventualmente com maior sucesso do que aquelas feitas aos países produtores de petróleo sem atendimento, as quais seriam: participar dos diferentes pólos produtores para exportação, através de empresas privadas e, eventualmente, também através da Petrobrás, contabilizando a terra arrendada e o uso da infra-estrutura disponível como capital nacional; considerar os custos de implantação dos empreendimentos como capital do sócio estrangeiro, inclusive o arrendamento das unidades industriais, como acerto das diferenças através do uso dos lucros de cada uma das partes; garantir a participação ativa no comando da produção e na organização da produtividade agrícola, permitindo ao investidor confiar no suprimento da matéria-prima, tanto quantitativamente como qualitativamente. (. . .)

Extraído do "Jornal do Commercio", 19/set/80 (Artigo do autor).



## SOCIAIS

### ONDE ESTÃO?

Foram devolvidas à A<sup>3</sup>P, por motivo de mudança de endereço, as correspondências de nossos consócios:

Alberto Homs (1961); André Henri Stieger (1955); Antonio Ribeiro Soutello (1947); Archimedes Viola (1944); Augusto Paranhos Fontenelle (1913); Aylton Azeredo da Silveira (1950); Chaskiel Jankiel Orenszajn (1958); Cicero Ferraz de Soza Martins (1933); Ciro Vergara Susano (1963); Valdir Coimbra de Bittencourt Cotrim (1939); Délio Fernandes (1944); Delso Mendes da Fonseca (1929); Demosthenes Cruz Pessoa de Carvalho (1955); Elpidio Costa de Souza (1954); Fabio Pacheco Fernandes Junior (1968); Fernando Lugarinho (1946); Flavio de Lima Ferreira Alves (1962); Gelsonir da Rosa Correa (1965); Gilvan Cabral (1961); Heleno Cyrano Cordeiro de Mello (1955); Ivan Rangel de Azevedo Coutinho (1958); Jadyr Vianna Botelho (1954); Jaime Felício Paulo (1968); João Dias de Paiva (1963); Jorge Alceu Amoroso Lima (1955); Jorge Aloisio Fontenele (1933); José Carlos do Couto Vianna (1949); José Octavio Alves (1962); Julio Xavier Rangel (1959); Lauro de Moraes Faria (1943); Luiz Roberto da Veiga Brito (1951); Manoel Lapa e Silva (1975); Marcos de Albuquerque P. Bittencourt (1969); Mario Penna Bhering (1945); Mario Trindade (1950); Niwaldo Barbosa da Silva (1968); Orlando Bessa (1944); Oswaldo Justo de Aguiar Cavalcanti (1931); Paulo Anthero Soares Barbosa (1958); Paulo Franchini Mello (1943); Renato de Almeida Prado Costallat (1944); Roberto Menezes Rocha (1944); Salomão Manela (1946); Sergio Augusto de Lima (1967); Sergio Augusto de Moraes (1962); Sergio Carvalho Gomes dos Santos (1963); Sylvio Beassoto Mano (1947); Szmul Nusen Lustman (1951); Urbano Rodrigues Alonso (1967); Zylmar Soares Montauru (1944).

Solicitamos de nossos consócios a gentileza de nos informarem os endereços atualizados de que porventura sejam conhecedores, assim como avisarem-nos toda vez que ocorrer a sua própria mudança de endereço.

### NOVOS SÓCIOS

O Quadro Social da A<sup>3</sup>P continua prestigiado pelos antigos alunos de nossa Politécnica. Assim é que foi honrado com a admissão dos ilustres colegas: Antonio de Barcellos Netto (1941); Edson Goulart Bastos (1973); Edelson Couto Smith (1973); Pedro Carlos da Silva Telles (1947); Carlos Cavalcante Rocha (1961).

### NOTÍCIA

A A<sup>3</sup>P aproveita para lembrar ao prezado associado que tem um Seguro de Vida em grupo da Sul América-Cia Nacional de Seguros de Vida. Informações sobre o mesmo podem ser obtidas na Sede Administrativa tel. 222-4598.

### Visita à NUCLEP

Será realizada uma visita às oficinas da NUCLEP, em Sepetiba, no dia 23 de março de 1982.

As inscrições serão feitas até o dia 5 de março de 1982, na Sede Administrativa da A<sup>3</sup>P.

## CONGRESSOS E ENCONTROS

1982

— 26 a 27 de abril, Rio de Janeiro — International Symposium on Layout of Dam in Narrow Gorges.

— 03 a 07 de maio, Rio de Janeiro — XIV Congresso Internacional de Grandes Barragens.

Temas:

Questão 52 — Assoreamento e Estabilidade de Reservatórios — Aspectos Técnicos e do Meio-Ambiente.

Questão 53 — Segurança de Barragens.

Questão 54 — Materiais e Processos Construtivos para Barragens de Terra, de Enrocamento e Ensecadeiras.

Questão 55 — Influência da Geologia e da Geotecnia em Projeto de Barragens.

— 08 a 11 de setembro, Olinda/Recife — VII Congresso Brasileiro de Mecânica dos Solos e Engenharia de Fundações.

Temas:

- I) Movimentos de Encostas.
- II) Prática de Fundações no Brasil.
- III) Solos e Rochas.
- IV) Barragens.

— 3 a 8 de janeiro, Santa Barbara, California, USA — Updating Subsurface Sampling of Soil and Rocks and their In-Situ Testing.

Temas:

- I) Site Investigation.
- II) Subsurface Investigations by: surface surveys — new developments like remote sensing surveys and geophysical methods.
- III) Subsurface Investigations by: Boreholes using different types of samples.
- IV) Subsurface Investigations by: Test pits and large diameters boreholes.
- V) In-Situ Tests, Evaluation and Interpretation of Data.

— 19 e 20 de abril, Paris, França — Symposium on the Pressuremeter and its Marine Applications.

Temas:

- I) The Pressuremeter Method.
- II) Self-Boring Pressuremeters.
- III) Subsurface Investigations by: Boreholes using different types samples.
- IV) Subsurface Investigations by: Test pits and large diameters boreholes.
- V) In-Situ Tests, Evaluation and Interpretation of Data.
- VI) The Use of Pressuremeters in Marine Environment.
- VII) The Pressuremeter and Foundation Engineering.

Correspondência: Mr. F. Baguelin  
Laboratoire Central des Ponts et Chaussées  
Centre de Nantes  
B. P. 19  
4340 Bougenais  
France

— 24 a 27 de maio, Amsterdam, Holanda — Second European Symposium on Penetrating Testing (ESOPT II).

Temas:

- I) Interpretation of Penetration Tests.
- II) Cone Penetration Test (CPT).
- III) Standard Penetration Test (SPT).
- IV) Swedish Weight Sounding.
- V) Dynamic Probing.

Correspondência: Dr. H. K. S. Ph Bergmann  
Secretary General ESOPT II  
c/o Royal Institution of Engineers in the Netherlands  
P.O. Box 30424, 2500 GK The Hague.  
The Netherlands.

— 02 a 04 de agosto, México, México — Conferencia Internacional de Mecânica de Suelos — Comemoração do XXV Aniversário de Fundação da Sociedade Mexicana de Mecânica dos Solos.

Temas:

- I) Theory, Fundamentals and Philosophy of Soil Mechanics.
- II) Deep Foundations.
- III) Soil Improvement.
- IV) Underground Works.

Correspondência: Sociedade Mexicana de Mecânica de Suelos  
Raul Lopez Roldan  
Londres, 44 2.º Piso  
Mexico 21, DF  
Mexico

— 22 a 26 de novembro, Hong-Kong — VII Southeast Asian Geotechnical Conference.

1983

— 10 a 15 de abril, Melbourne, Australia — 5th Congress of the International Society for Rock Mechanics.

— 23 a 26 de maio, Helsinky, Finlândia — VIII European Conference on Soil Mechanics and Foundation Engineering.



## ELEIÇÕES GERAIS NA A<sup>3</sup>P

É sempre motivo de alegria a reunião dos antigos alunos sócios da A<sup>3</sup>P para escolha de seus dirigentes, e que se faz regularmente em março, a cada 3 anos.

Desta feita, e conforme editais publicados neste Boletim, a eleição é mais ampla. Dentro dos ditames estatutários, trienalmente, além da renovação do terço do Conselho Diretor, procede-se à eleição da nova Diretoria e do Conselho Fiscal.

Para maior conhecimento e participação do Quadro Social, faremos alguns comentários como orientação eleitoral, de acordo com o Estatuto da Entidade.

Inicialmente, o direito de votar e ser votado é exclusivo dos sócios efetivos e jubilados (art. 7.º); isto é, privativo de graduados em Engenharia legalmente habilitados ao exercício profissional (art. 4.º, § 1.º e 3.º).

Em seguida, lembramos que poderão votar e ser votados os sócios admitidos ao Quadro Social a mais de 9 meses da data da eleição (art. 7.º § 3.º), considerando-se como data de admissão aquela

do pagamento da primeira contribuição social (art. 6.º). Portanto, para a presente eleição é necessário que a admissão do sócio efetivo se tenha dado até 30 de junho de 1981.

Também a candidatura de qualquer sócio somente se materializa se apresentada por escrito e assinada pelo próprio com antecedência mínima de 15 dias da data da eleição (Art. 48 — Parágrafo Único); para a presente eleição, as candidaturas deverão pois ser apresentadas até dia 15 de março próximo, às 20h, na Sede Social da A<sup>3</sup>P (horário de encerramento do expediente normal da A<sup>3</sup>P), quando o Presidente anunciará oficialmente as candidaturas apresentadas e que poderão concorrer à eleição.

Na Assembléia Geral, a eleição será secreta, direta e pessoal, não se admitindo procuração (Art. 52 § 3.º).

Nossos associados são enfaticamente convidados a comparecer a esta grande reunião da família atrespiana, oportunidade ímpar para reencontrar velhos companheiros e amigos, e de exercer o direito fundamental do voto.

Estaremos todos na Sede Social da A<sup>3</sup>P, no velho e glorioso prédio do Largo de S. Francisco, às 17h do próximo dia 30 de março de 1982!

### EDITAL DE CONVOCAÇÃO CONSELHO DIRETOR

De conformidade com o Estatuto da Associação dos Antigos Alunos da Politécnica, fica convocado o Conselho Diretor para, em reunião ordinária a ser realizada no dia 30 de março de 1982, terça-feira, às 16h 30min, na Sede Social da Associação, situada no antigo prédio da Escola Nacional de Engenharia, no Largo de São Francisco, tratar dos seguintes assuntos:

- 1) discutir e dar parecer sobre o Relatório e Contas da Diretoria, referente ao exercício de março a dezembro de 1981, com respectivo encaminhamento do Conselho Fiscal;
- 2) assuntos gerais.

Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1982

Prof. Gregório Vaisberg  
Presidente do Conselho Diretor

### CONSELHO FISCAL

Por edital já espedido foram convocados para o dia 29/03/82, na Sede Administrativa (edifício do Clube de Engenharia) os membros do Conselho Fiscal para examinar as Contas, o Balanço e o Relatório da Tesouraria, relativos ao exercício iniciado em 1/3/81 e encerrado em 31/12/81.

### EDITAL DE CONVOCAÇÃO ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA

De conformidade com os Arts. 48, alínea (a), e 49 do Estatuto da Associação dos Antigos Alunos da Politécnica, fica convocada a Assembléia Geral Ordinária, em primeira convocação às 17 horas, e, em segunda e última convocação, às 18 horas, no dia 30 de março de 1982, terça-feira, na Sede Social da Associação, situada no antigo prédio da Escola Nacional de Engenharia, no Largo de São Francisco, para:

- 1) deliberar sobre o Relatório e Contas da Diretoria, referentes ao exercício de março a dezembro de 1981, com os respectivos pareceres dos Conselhos Fiscal e Diretor;
- 2) eleger a Diretoria, o Conselho Fiscal e o terço do Conselho Diretor, com mandato para o triênio até março de 1985, e dar posse aos eleitos;
- 3) assuntos gerais.

Com referência ao item 2, recomenda-se a atenção dos sócios para as disposições estatutárias pertinentes e as instruções respectivas afixadas no Quadro de Aviso.

Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1982

Prof. Hugo Cardoso da Silva  
Presidente

### PRESIDENTE DA A<sup>3</sup>P É DIRETOR NA UFRJ

A ESCOLA DE ENGENHARIA DA UFRJ tem novo Diretor. Compareceram à cerimônia de transmissão do cargo, realizada em 25/janeiro no Salão Nobre do Centro de Tecnologia, praticamente todas as figuras representativas da engenharia carioca. É estranho que nesta época de férias pudessem se reunir se não todas, talvez quase todas, pois tantas eram as personalidades distintas e exponeciais que ocorria a impressão de totalidade. Compareceram os Sub-Reitores, Decanos de Centros, Diretores de Unidades da UFRJ e de outras Universidades, os Presidentes das Associações de Ex-Alunos, a totalidade da Diretoria da A<sup>3</sup>P e de seus Conselhos, Presi-

dentes e/ou Representantes das Entidades de Classe da Engenharia, vários Diretores de Empresas de Engenharia e uma quantidade de pessoas risonhas lotando o Salão.

O Sr. Ministro da Educação não foi mas deve ter mandado um telex se justificando, desculpando-se e, certamente, expressando igualdade de sentimentos com os presentes, de que o Eng.º HUGO CARDOSO DA SILVA, técnico de renome, leal amigo, humanitário por excelência, será muito operoso e feliz em sua gestão da ESCOLA DE ENGENHARIA DA UFRJ, etapa de escala da sua ascensão a outros postos, porque é o que se espera da sua capacidade e é o que desejam seus amigos, numa expressão de carinho e numa força de pensamento unânime.

Mariotte.

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

- Boletins da UFRJ, n.ºs 28 e 29, 30 a 39, 40 a 49, 50 a 52, 1981;
- Boletins do Instituto de Engenharia do Paraná, n.ºs 191 a 199, 200 a 202, ano VIII, 1981;
- Perspectiva Universitária, n.º 153 a 158, ano VIII, 1981;
- Jornal da Associação Catarinense de Engenheiros, n.ºs 22 a 26, ano 3, 1981;
- Jornal do Engenheiro, do Sindicato dos Engenheiros do Estado do Rio, n.ºs 8, 9 e 10, ano IV, 1981;
- Boletim Informativo do Clube de Engenharia do Rio, ano IX, n.ºs 157 a 159,
- Revista do Clube de Engenharia do Rio, edição especial, ano 95, n.º 423, fevereiro de 1981, e 424 março/abril/maio de 1981;
- Boletim Informativo da Fundação Teodomiro Santiago, ano II, n.ºs. 19 a 22, 1981;
- ABTD — Associação Brasileira de Treinamento e Desenvolvimento, julho/agosto, 1981;
- FATOR — da Associação de Engenheiros de Volta Redonda, ano XXII, n.ºs 91 a 96, 1981;
- Informativo do Clube de Engenharia de Pernambuco, ano I, n.ºs 1 e 2, maio e junho, 1981;
- Jornal do Engenheiro da Sociedade dos Engenheiros, Arquitetos e Agrônomo de Lins-SP, ano II, n.ºs 7 e 10, 1981;
- Informe CBIC — Câmara Brasileira da Indústria da Construção, n.ºs 16 a 18, 1981;
- EMBRAER, notícias, n.ºs 65 e 66, ano X, 1981;
- Boletim Informativo, do Clube de Engenharia da Bahia, n.º 50/81, ano VIII;
- Jornal do Clube de Engenharia da Bahia, ano III, n.º 8, 1981;
- Cimento & Concreto, ano X, n.ºs 60 a 62, 1981;
- MÚTUA é Notícia, n.ºs 2 a 6, 1981;
- Boletim Informativo da Associação de Engenheiros e Arquitetos de Campinas, ano IX, 1981; n.º 60, 1981
- Jornal da Associação dos Servidores Cívicos do Brasil, 1981;
- Correio Rosacruz, n.º 75, 1981;
- Jornal dos Transportes, n.ºs 73 e 74, 1981;
- Boletins SEAERJ — Sociedade dos Engenheiros e Arquitetos do Estado do Rio de Janeiro, ano VI, n.ºs 17 e 18, 1981;
- Revista SEAERJ — Sociedade dos Engenheiros e Arquitetos do Estado do Rio de Janeiro, ano XI, n.º 14, maio, 1981;
- Informativo da ABEF — Associação Brasileira dos Estagiários Técnicos na França, n.º 4/81 e 1/81, 1981;
- Jornal da ABES — Associação de Engenharia Sanitária e Ambiental, v. 7, n.ºs 6/9 e 10, 1981;
- Perfil — Açominas, n.ºs 64 e 65, 1981;
- Revista Portos e Navios, n.ºs 263 a 267, 1981;
- Revista Técnica e Informativa do DNOS, ano 33, volume 53, n.ºs 1/2, jan./jun., 1979;
- Revista Engenharia da Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul, julho, 1981;
- Revista da Construção Civil, ano XXIV, n.ºs 272 a 278, 1981;
- Revista Limpeza Pública, da Associação Brasileira de Limpeza Pública, ano VIII, n.º 19;
- Revista ADEMI, ano VIII, n.ºs 79 a 84, 1981;
- Revista de Engenharia — Nuno Lisboa, ano 9, n.ºs 31 e 32, 1981;
- Revista Engenharia Sanitária, abr./jun./jul./set., 1981;
- Revista Ferrovia, ano 45, n.ºs 79 e 80, 1981;
- Revista da Associação de Engenheiros da EFCB, ano XXIV, n.º 143, julho, 1981;
- Revista de Ensino de Engenharia, n.º 2, agosto, 1981;
- Revista Técnica do Instituto de Engenharia do Paraná, n.º 22, outubro, 1981;
- 6.º Catálogo Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental, 1981.

## MENSAGENS DE FIM DE ANO RECEBIDAS

Das Sociedades: M. Hazan & Nudelman, Associação Brasileira de Engenheiros e Arquitetas, Associação dos Engenheiros da Estrada de Ferro Leopoldina, Hidroesb, Cardograd.

Dos Engenheiros: Laura e Romeu de Sá Freire, Barcellos Netto, Matheus Schnaider; Heródoto Bento de Mello e Senhora, Henrique Ernesto Greve, Almor da Cunha, Placidino Fagundes e Senhora, Homero Henrique Rosa Rangel, Fernando Emmanuel Barata, Cesar Dacorso Netto, Aunay Chaves, Paulo José Pardal, Annibal Alves Bastos, João Kubitscheck de Figueiredo, Rozólio Guimarães de Azevedo, Léo Fabiano Baur Reis, Oswaldo Osiris Storino, Durval Lobo, Nelson Corrêa Monteiro, Heitor Lopes Corrêa, e Deputado Federal Rauí Bernardo Nelson de Senna.

## AS SECAS NO NORDESTE E NO PARANÁ

Participando de um seminário brasileiro sobre irrigação havia um fazendeiro louro, alto, olhos azuis e tez muito clara; ouvia, como outros convencionais de todo o País, constantes referências sobre a seca no Piauí, uma nota constante de reclamação pela atenção insuficiente que o Governo dava à Região Nordeste nesse período calamitoso.

A certa altura o paranaense Walter Shultz Schinneveiss, bom brasileiro filho de brasileiros pediu a palavra e fez uma exortação:

“Que os piauienses, e com eles os nordestinos em geral, tivessem maior empenho em resolver seus problemas diretamente, sem esperar ou exigir tanto do auxílio federal, alegando falta de açudes, de canais de irrigação, de financiamentos bancários oficiais, de distribuição de sementes de plantas aclimatadas . . . Esses problemas os paranaenses enfrentavam também e não se queixavam tanto quanto como o que ele ouvira nesses dias do seminário. O Paraná agora enfrentava uma seca calamitosa, o pasto feneceu a olhos vistos, os regatos mal tendo um resto de água a correr, o verde das plantas começando a amarelar com a seca inclemente, um vento frio varrendo as campinas, um sol inclemente num céu sem nuvens e sem chuvas há 38 dias. O que os piauienses diziam dessa proposta? Há quanto tempo durava a seca deles?”

Levantou-se um fazendeirozinho curtido de sol, cabeça grande, olhos pretos inteligentes, Raimundo Nonato Buriti com a sua voz macia de segurança interior respondeu:

“Suas fôia verde e os riacho correndo nun ixiste pur aqui nã visse?! . . . Num há é foia nenhuma e a terra é seca e dura, sem água até in cacimba funda, porque só faz 2 anos e meio que nós num temo “inverno”. Num diga mais besteira não, cumpade. Se assente e cale o bico; fique só assustando pra mode disasnar. Visse?! . . .

NOTA — O relato é de um fato verdadeiro, mudadas apenas as indicações e nomes.

Mariotte Rebello

## “COMO PODE O ANTIGO ALUNO COOPERAR COM SUA ESCOLA E SUA CLASSE”

*Aimone Camardella*

A partir do dia da formatura ou, em muitos casos, já mesmo durante a sua formação escolar, o Colega tem por objetivo fundamental desenvolver sua vida profissional e, obviamente, prover sua subsistência. Ao se tornar um Ex-Aluno, nem sempre seus novos encargos lhe permitem permanecer em contato com a Escola e, às vezes, nem mesmo com seus Colegas de Turma. Impedem-lhe o local de trabalho, às vezes muito afastado ou fora da Região; o tempo disponível, principalmente no início de sua vida profissional; a pró-

pria questão econômica; outras razões de ordem particular e, até mesmo, certo desinteresse ou descaso pela “celula mater” de sua formação ou pelo Grupo de Colegas com quem conviveu durante tanto tempo. Tudo isto pode acontecer mas, por mais longe que esteja e quaisquer que sejam as outras razões, nunca a sua mente deixará de relembrar os dia-a-dias mais nobres de sua vida, e todo aquele livro aberto de recordações da juventude, pontilhada de “casos”, problemas, brincadeiras, brigas, discussões, festas, programas vários, etc. Vale destacar a influência dos Professores, suas exigências e suas falhas, e o grande problema das provas, exames e graus de aproveitamento. São, pois, reminiscências que se gravam na memória do nosso computador e que, permanentemente, aparecem no écran do nosso dia-a-dia. Basta encontrar com um Ex-Colega ou Ex-Professor; ou passar perto do Edifício da Escola; ou ler ou saber de uma notícia envolvendo um nome conhecido, relacionado com a Escola; enfim, basta acionar um simples “botão” do nosso conhecimento diário, para que aflore em novo alvo

recer na nossa mente todo um ocaso de recordações, acontecimentos saudáveis

“da aurora da minha vida  
da minha infância querida  
que os anos não trazem mais”

como disse o Poeta Casemiro de Abreu.

De fato, o ditado popular é muito certo: “Recordar é viver”. Então, porque não viver mais intensamente, reativando as recordações e as amizades do tempo de Escola?

É assim que entendemos uma ASSOCIAÇÃO DE ANTIGOS ALUNOS. Ela deve representar para nós o refúgio das nossas concentrações, o lugar onde se deve localizar o computador central com a memória das nossas recordações, capaz de fornecer as respostas que forem solicitadas, revelando a história do nosso passado e reprogramar, tanto quanto possível, o conagração daqueles a quem a vida indicou caminhos diferentes, após um salutar período da juventude. E neste contexto, continua a nossa Escola a ser a Sede desta INFORMÁTICA HUMANA.

Mas é preciso ativar esta Entidade nesta direção, fornecendo-lhes a energia necessária que, sem dúvida, provém dos próprios manipuladores deste Computador Central, ou seja, dos Ex-Alunos.

A filosofia, portanto, não é, evidentemente, a Escola ir ao Ex-Aluno, mas o Ex-Aluno voltar à Escola, não só para prestigiá-la, mas para ajudá-la, tanto quanto possível, a resolver os seus problemas.

E como?

Trazendo obviamente a experiência adquirida na sua vida profissional, pública ou particular, para dentro da sua Escola, através do relacionamento com os Professores que, certamente, ainda continuam na sua importante, espinhosa e salutar missão de preparar recursos humanos para o nosso tão carente País.

Não raro, os Ex-Alunos têm seus descendentes cursando a mesma Escola e, portanto, toda colaboração atingirá não só os demais corpos discentes como, e principalmente, seus próprios filhos.

Toda esta dinâmica de atividades em torno de sua “célula mater” será também um meio salutar de bem passar a vida, dentro de uma coletividade que se embrionou num passado recente ou mais remoto, mas cujos vínculos hão de permanecer para todo o sempre.

Esta é, a nosso ver, a função de uma ASSOCIAÇÃO DE ANTIGOS ALUNOS. E a nossa A<sup>3</sup>P não pode fugir à regra. Tradição não falta. Companheiros temos de sobra, e da melhor safra.

E, para terminar, basta repetir as palavras do nosso Prezado Presidente, Professor HUGO CARDOSO DA SILVA, proferidas no dia de sua posse como Diretor da Escola de Engenharia da UFRJ:

“Um organismo que não sabe se renovar, está fadado a perecer”.  
Portanto, mãos-a-obra. que venham, a nós, os nossos COLEGAS.



Legenda publicada pela revista  
“CARETA”

“Ufanamo-nos, estampando acima, a photographia do grupo geral da turma do 1.º ano de Engenharia pois, representa ella, uma reliquia valiosa para o porvir, quando as suas figuras, então engenheiros formados, collaborarem na distinção dessa sciencia imponente, honrando assim a capacidade natal.”

Grupo de 41 alunos do 1.º ano da Escola Politécnica e o “CHATO”, fotografados pela revista “CARETA” em Abril de 1924. Deste grupo só 10 colaram grau em 25/Abr/30. Foto cedida gentilmente pelo Eng.º Antonio Arlindo Laviola, que indicou o nome, apelido e ano de formatura de cada um.

1.ª fila, da esquerda p/a direita — em pé

1. Abel Ribeiro F.º (28)
2. Thomaz Pires Rebelo (28)
3. Alberto da Silva Gordo (28)
4. Alexandre Ribeiro Junior (28)
5. Moysés Azulay (28)
6. Luiz Derene (29)
7. José Gomes de Lemos — o “Canjica” (29)
8. Edgard Pereira Braga (28)
9. Manuel Nogueira de Paula (28)
10. João Baptista Bidart (28)
11. Antonio Arlindo Laviola (29)
12. Ernani Pedro Bolato (32)

2.ª fila, da esquerda p/a direita — em pé

13. Abel (?) — o “Bode” (não terminou o curso)
14. Luiz Gregorio de Sá (30)
15. Celso (?) — (?)
16. Agostinho Regis Bittencourt (28)
17. Jorge Morais — o “DX” (28)

18. José A. B. Chermont (28)
19. Silvio Moreira de Mattos — o “Cascavel” (28)
20. Antonio Navarro — o “Salim” (28)
21. Frederico de Souza Coutinho (falecido em desastre de aviação no 4.º ano)
22. Paulo Silva (29)
23. João Felipe Sampaio Lacerda (29)
24. Silvio Serpa Coelho (não terminou o curso)
25. (?) — (?)
26. (?) — (?)
27. Arioaldo da Costa Araujo — o “Bangú” (29)
28. Luiz Castanheda de Almeida (meio escondido) (29)
29. Víctor Israel — o “Chato” (vendedor de gravatas)

3.ª fila, da esquerda p/a direita — em pé

30. Alvaro Sciler (29)
31. (?) — o “Mato Grosso” (não terminou o curso)
32. Bento Santos de Almeida (28)
33. Silvio d’Orsy (29)
34. (?) — (?)
35. Pedro de Alcantara Taques Horta (29)
36. David Derene (não terminou o curso)
37. Cyro de Carvalho Lustosa (28)
38. Arnaldo Rocha (28)
39. Oscar Athayde (30)
40. (?) — (?)
41. (?) — (?)

## AINDA SOBRE O CALOTISMO

Em artigo anterior, já tratamos do calote governamental, técnica que o governo central tem utilizado largamente para reduzir os meios de pagamento a pretexto de conter a inflação. Já vimos que o método, além de ser um instrumento perverso e ilegal, tem caráter demagógico e é predatório para a economia.

O calotismo federal é demagógico na medida em que tenta insinuar que o governo central — o responsável primeiro e último pela inflação — não é o único culpado pelo descalabro monetário; que os principais vilões inflacionários são suas empresas, agindo à sua revelia, e as empresas fornecedoras de bens e serviços, que só pretenderiam faturar mais e mais. É predatório porque muitas das empresas privadas atingidas pelo golpe, depois de meses sem receber por mercadorias fornecidas e serviços prestados cuja produção já foi paga, perplexas pelas incertezas a respeito do que era certo e contratado, e asfixiadas pelo alto custo dos empréstimos extraordinários a que são obrigadas a recorrer, tornam-se alquebradas em suas estruturas e insolventes perante seus credores, vindo a ter de desmobilizar ou até mesmo encerrar atividades. Em ambos os casos quem perde é a economia nacional, caracterizando a natureza predatória da técnica do calote.

No aspecto moral e ético, o método é deplorável. O governo, tão cioso na hora de receber, punindo a menor impuntualidade com inarredáveis multas, correção monetária e juros de mora, reserva-se o direito de atrasar pagamentos por meses a fio a seu bel-prazer e, quando os salda, fá-lo pelo valor histórico, desconsiderando uma inflação de 6,5% ao mês (ou seja, 21% ao trimestre, ou 46% ao semestre, ou 113% ao ano). O que mostra a distância a que nos encontramos do ideal político do estado de direito, no qual as leis, além de serem abstratas e prospectivas, devem ser iguais para todos, particulares ou governo.

Porém, a mais daninha das implicações do calotismo governamental, no

longo prazo, não é tão visível quanto as anteriores. Ela é representada por um reforço no centralismo estatal em detrimento da liberdade de mercado. O calotismo das entidades estatais talvez não seja uma medida isolada. Não é absurdo imaginar que esse comportamento seja parte de um modo de pensar centralizador que visa a fazer das empresas controladas pelo capital da União um bloco monolítico, completamente atrelado ao governo central, sem capacidade de decisões próprias, dependente em tudo das ordens vindas de Brasília. Sem entrar na questão em si da estatização e também sem deixar de afirmar que o governo necessita ter um determinado grau de controle sobre seus órgãos, é necessário destacar que o centralismo é um dos maiores perigos políticos pela tendência de crescente concentração de poder discricionário em poucas mãos.

Empresas estatais, não são, de *per se*, uma aberração em um sistema político fundado na liberdade do indivíduo e estruturado como um estado de direito. Desde que funcionem sujeitas às mesmas normas gerais que regem as empresas privadas, prestando um serviço público — na legítima acepção do termo — e não tendo caráter monopolista nem servindo de instrumento para boicotes, pressões políticas e econômicas, desvio de poder e abuso de autoridade, elas não trazem danos insuperáveis para a liberdade do indivíduo e para o sistema de mercado, que é um corolário da liberdade individual.

Portanto, o calotismo, como outras medidas que conduzem a uma maior centralização de decisões sobre os afazeres dos indivíduos e também a tratamento diferenciado entre os órgãos estatais e as empresas privadas, é mais um empurrão no sentido de afastar o nosso regime daqueles baseados na liberdade individual e aproximá-los dos coletivistas, que são sempre centralmente planejados. E gritar contra isso não é um mero desabafo de credor, mas um outro brado de alerta contra a medrança do socialismo em nosso país.

Henry Maks

\* Publicado na Revista *Visão* de 30/3/81 e *Dirigente Construtor*, maio 1981.

## ÓRGÃOS DIRIGENTES

Fundação . . . . .	03/05/1932
<b>DIRETORIA</b>	
Presidente . . . . .	Hugo Cardoso da Silva
1.º Vice-Presidente . . . . .	Leizer Lerner
2.º Vice-Presidente . . . . .	Antônio M. de S. Cavalcanti
Diretor Administrativo . . . . .	Hélio Teixeira
Vice-Diretor Administrativo . . . . .	José Mariotte de L. Rebello
Diretor Secretário . . . . .	Jayme Kritz
Vice-Diretor Secretário . . . . .	Heitor Lisboa de A. Costa
Diretor 1.º Tesoureiro . . . . .	Gerhard Vasco Weiss
Diretor 2.º Tesoureiro . . . . .	Cairo da Silva Leite
Diretor Técnico-Cultural . . . . .	Marconi Nudelman
Vice-Diretor Técnico-Cultural . . . . .	Henri Uziel
Diretor de Cursos . . . . .	Heloisa Fraenkel
Vice-Diretor de Cursos . . . . .	Antônio José da C. Nunes
Diretor Social . . . . .	Mariza Vianna Ballariny
Vice-Diretor Social . . . . .	Luiz Carlos de Almeida
PRESIDENTE DE HONRA . . . . .	Leizer Lerner
SÓCIOS BENEMÉRITOS . . . . .	Maurício Joppert da Silva Hélio Mello de Almeida Antonio José da Costa Nunes

## CONSELHO FISCAL

**EFETIVOS:** Alberto Lélío Moreira; Darcy Aleixo Derenusson; e Otávio Reis de Cantanhede Almeida.

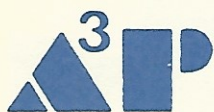
**SUPLENTE:** Joaquim D'Almeida; Fernando Emmanuel Barata; e Danton Voltaire de Souza.

## CONSELHO DIRETOR

**MEMBROS VITALÍCIOS:** Maurício Joppert da Silva; e Hélio Mello de Almeida (Sócio Benemérito).

**MEMBROS NATOS:** Diretor da Escola de Engenharia; Presidente do Clube de Engenharia; Presidente da Federação Brasileira de Associações de Engenheiros; e Presidente do Diretório Acadêmico da Escola de Engenharia.

**MEMBROS ELEITOS:** Presidente — Gregório Waisberg; Vice-Presidente — Nestor de Oliveira; Secretário — Paulo Moreira Pinho; Afonso Henriques de Brito; Aimone Camardella; Alberto Azevedo Ferrão; Alcina Koen Pinheiro; Antônio Arlindo Laviolla; Arthur Eugênio Jermann; Bernardo Griner; Cesar Reis de Cantanhede Almeida; Durval Coutinho Lobo; Edward John Gepp; Eryx Albert Sholl; Jacob Steinberg; João Pacheco Netto; Jorge de Abreu Schilling; Laura Corrêa de Sá Freire; Marcílio Nolding da Motta; Matheus Schneider; Paulo de Castro Benigno; Paulo José Pardal; Paulo Rodrigues Lima; Rozólio Guimarães de Azevedo; Samuel Szyglic; Siegfried Rosner Gottschalck e Sydney Martins Gomes Santos.



BOLETIM OFICIAL da

## ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA POLITÉCNICA

SEDE ADMINISTRATIVA: Clube de Engenharia — Av. Rio Branco, 124 - 23º andar — Tel.: 222-4598

SEDE SOCIAL: Escola Nacional de Engenharia — Largo de São Francisco — Tel.: 221-2936

Editado sob a responsabilidade da Diretoria — CIRCULAÇÃO INTERNA — DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



IMPRESSO